



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

Exmo. Senhor Dr. Dionísio Sousa

Exmo. Senhor Doutor Carlos Lobão

Exmo. Senhor Dr. Vítor Rui Dores, também poeta

Antigos Deputados

Monsenhor Júlio da Rosa,

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Obrigada pela vossa presença neste sarau em que nos honramos de ter entre nós um antigo Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e ex-deputado, com 24 anos de labor no seu curriculum parlamentar.

Bem-vindo a esta casa que já foi sua, Dr. Dionísio Sousa. É com muito gosto que lhe damos as boas-vindas.



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

Temo-lo hoje na sua qualidade de autor, poeta e pensador publicado da temática autonómica. Hoje partilha connosco essas facetas bem como a sua experiência humana e sobretudo política, de algum modo abordada em **“Achegas sobre a Autonomia dos Açores”**.

Este título sugestivo remete-nos para um debate sobre a Autonomia, mas mais do que isso, remete-nos para a História dos Açores, para a Assembleia e para a caminhada açoriana das últimas décadas e, se quisermos, para um percurso que remonta ao primeiro movimento autonómico e teve como consequência o decreto de 2 de março de 1895.

Ou se quisermos, como alguns juristas defendem, a Autonomia terá nascido com os Capitães- do- Donatário, mais tarde Capitania- Geral, sendo portanto, muito anterior aquela data.

A questão autonómica ressurgiu, em força, em 1974, por força da Revolução dos Cravos, não por os Açores serem a região mais pobre ou atrasada do país mas porque o arquipélago tinha, e cito António Barreto, *“um enorme*



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

fardo a suportar, causa, origem ou ampliador de certos aspetos do subdesenvolvimento: a insularidade”.

A insularidade não é uma figura de retórica, é a nossa realidade quotidiana, fundada na nossa geografia e na nossa história, que Vitorino Nemésio transpôs tão bem para o conceito de açorianidade.

A alma insular terá nascido, obviamente, muito antes de todas as reflexões políticas e filosóficas sobre os temas autonómicos, no esforço dos primeiros povoadores domarem terra e mar e extraírem deles o seu sustento, nas vidas perdidas, nas migrações forçadas, nas tragédias dos sismos e vulcões.

A alma açoriana terá crescido no isolamento da terra e no sentido “*vertical, na direção da divindade*” como um dia escreveu Adelaide Batista.

A alma açoriana passou pelas vicissitudes do Reino e recebeu com a República todas as fragilidades e preocupações que grassaram em Portugal, em parte devido à fragmentação do território insular, em parte



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

devido às deficiências das comunicações que, como analisou o autonomista Carreiro da Costa, constituíram impedimentos ao progresso cultural das ilhas. Mas também, na opinião do autor, *“é precisamente nessa fragmentação, nessas preocupações e nessas dificuldades que vamos encontrar o principal estímulo para todas as manifestações culturais que aqui germinaram e frutificaram e que aqui irradiaram”*, ao arrepio de decisões político-económicas recebidas como injustas e que tanto clamor, em certos momentos, levantaram nos jornais.

Delas - umas e outras - faziam eco deputados que, no seu exercício de dar voz ao povo, se erguiam na defesa da terra e da alma açorianas, reafirmando a nossa portugalidade e o direito a sermos tratados como os melhores portugueses.

Anos passaram, muito caminho se percorreu, principalmente nos últimos trinta e oito anos, mas muito caminho se abre à nossa frente por andar e algum até por desbravar.



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

Não tenho dúvida de que temos de aprimorar a nossa Autonomia e que os deputados que hoje exercem o seu mister na Assembleia deverão relembrar o árduo trabalho de alguns dos seus antecessores, num tempo em que o regime não permitia outras ideias, outros pensamentos, outras atitudes. Por outras palavras, não permitia a diferença.

Ultrapassados que estão alguns obstáculos fundamentais ao nosso crescimento em liberdade, eu direi que a nossa Autonomia terá de se consubstanciar no aprofundamento do nosso Estatuto Político-administrativo, e na plenitude da atividade parlamentar. Há que proceder a alterações do Regimento da Assembleia e do Estatuto dos Deputados, adequando-as a uma atualidade, evidentemente diferente do momento em que estes documentos foram aprovados.

Mas a Autonomia precisa igualmente de ser vivida pelo povo. Precisa de ser conhecida, nos seus rumos e nas suas potencialidades, na sua história e nas suas virtualidades. Precisa de ir à Escola, à Universidade, aos órgãos de



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

Comunicação Social, às tertúlias, ao povo. Precisa de melhorar o seu relacionamento com os cidadãos.

É este um dos grandes desafios do momento atual: estabelecer a proximidade, promover a cidadania, envolver-se na infindável cruzada de dar voz aos que não sabem como chegar ao coração da Autonomia.

O nosso desígnio não pode passar ao lado desta meta; temos de restituir a confiança nas instituições e combater não a diferença mas a indiferença, a apatia, a inércia.

Este é o verdadeiro serviço que devemos à nossa terra e ao nosso povo. Tudo o mais é a escolha de caminhos para atingir estes objetivos, com a consciência sempre presente de que os meios não justificam os fins.

Obrigada uma vez mais ao Dr. Dionísio, por nos proporcionar esta partilha enriquecedora dos seus conhecimentos e a todos os presentes por estarem connosco.



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

Horta, 7 outubro 2014.

Ana Luísa Luís

Presidente da Assembleia Legislativa

da Região Autónoma dos Açores

